

# «O mais importante nessa reforma é ser invisível»

Texto **CARLA BITTENCOURT** carlapb@gmail.com  
Foto **MARGARIDA NEIDE** margarida.neide@gmail.com

Restaurar um prédio histórico requer artesanaria e um certo desprendimento, para quase trazer o tempo de volta, mas com uma infraestrutura contemporânea. A observação é do arquiteto norueguês Adam Kurdahl, que assina a reforma do Palace Hotel, reaberto oficialmente hoje com a bandeira da Fera Hotéis, depois de mais de dez anos desativado. Construído em 1934, o Palace é um ícone da Rua Chile, a primeira rua planejada do Brasil. O trabalho de Kurdahl foi minucioso e, embora a fachada não resplandeça o dourado do flyer do projeto, seus 3.500 m<sup>2</sup> foram recuperados, assim como os 205 adornos art déco, as 629 janelas de madeira, os 2.250 m<sup>2</sup> de taco original e os 550 m<sup>2</sup> de mármore. O lado invisível é a duplicação de 56 sapatas na fundação do prédio, com 50 toneladas de aço e reforço de 601 pilares. De novidade, a transformação dos quartos em 81 suítes, já que, nos anos 1930, os banheiros eram coletivos, havendo apenas dois por andar. Uma piscina de 25 metros, com borda infinita e vista para a Baía de Todos-os-Santos também não existia à época. Foi na beira dessa piscina, ainda sem água, que conversamos com o arquiteto em fevereiro, fase final da reforma. Kurdahl estava entusiasmado com a ideia de devolver aos baianos o lugar que já hospedou Pablo Neruda, Orson Welles e Carmem Miranda, embora saiba que o Palace terá o desafio de existir num Centro Histórico com sérias dificuldades. O hotel, aliás, é parte de um projeto maior de revitalização da área, mas o empresário Antonio Mazzafera, CEO da Fera Investimentos e que esteve presente durante a entrevista, manteve sigilo sobre isso. À *Muito*, Kurdahl falou sobre a reforma sobre arquitetura de “estilo de vida”.

**Quais as especificidades na restauração do Palace, uma das construções mais representativas do Centro Histórico de Salvador e que fica numa região tombada pelo Iphan e reconhecida pela Unesco como Patrimônio da Humanidade?**

Salvador é o berço do Brasil. Foi aqui que o país nasceu, é a primeira capital, e a Rua Chile, onde estamos, a primeira rua planejada. O Palace foi construído num momento em que a Rua Chile era extremamente relevante para a cidade, havia muita atividade aqui, muitas lojas, restaurantes, bares, todo mundo vinha para a Rua Chile. Esse era um dos prédios mais importantes como expressão do art déco, inspirado no Flatiron Building [um dos primeiros arranha-céus construídos nos Estados Unidos, em 1902], feito com materiais todos importados de Paris. Quando nós trabalhamos com prédios históricos, a coisa mais importante que você faz é ser invisível, para descobrir o prédio, tentar não mudar nada e, ao mesmo tempo, fazê-lo tecnicamente um prédio contemporâneo, com todos os elementos técnicos que se espera de um prédio novo, mas sem mudar a arquitetura ou a cara do prédio. Na fachada, estamos restaurando todas as 629 janelas. O material é todo aprovado pelo Iphan, é um processo grande para fazer uma restauração dessa e transformar o hotel em um prédio contemporâneo.

**Como foi a sua pesquisa para a realização da obra? Você também considerou o Flatiron Building como uma inspiração para esse projeto?**

Sim. A primeira coisa que nós fizemos foi uma pesquisa sobre a história da Bahia e sobre a história do art déco. Pesquisamos as cores da Bahia, a música, a comida, para misturar a história daqui com essa história do art déco. Foi uma experiência muito interessante como arquiteto porque tive a chance de trabalhar com ornamentos. O modernismo matou totalmente a possibilidade de os arquitetos lidarem com ornamentos. Então, o Palace me deu essa chance, de como usar ornamentos para fazer uma arquitetura tão rica.

**A reforma do Palace é parte de um projeto maior, o Bahia District, inspirado no bairro nova-iorquino Meatpacking District, onde só funcionavam frigoríficos e que virou ponto turístico. A Fera Empreendimentos adquiriu outros imóveis na Rua Chile e quer revitalizar o local com restaurantes, galerias de**





**arte, prédios residenciais e um estacionamento. Você também assina esses projetos?**

O mais importante aqui é dizer como o Palace pode ajudar numa mudança do centro. É um projeto para turistas, mas também para pessoas que moram em Salvador. O mais interessante é isso, que o hotel vai ser o catalisador para um movimento aqui na Rua Chile.

**Mas você assina esses outros projetos?**

[Antonio Mazzafera interrompe e responde: "Sim, alguns. Mas, por enquanto, a gente não está divulgando detalhes".]

**As características originais do Palace tiveram obrigatoriamente que ser preservadas. No seu projeto, porém, você incluiu novidades, como essa piscina, de borda infinita. Que outros elementos, além deste, não fazem parte do hotel original?**

Os banheiros. No projeto original, só havia dois por andar, um masculino e um feminino, de uso compartilhado. Nós construímos banheiros nos 81 quartos. Também temos três novas cozinhas. Agora, o que é novo e que você não vai ver são todas as instalações técnicas, as saídas de emergência, o elevador de serviço, o ar-condicionado, a eletricidade. O trabalho maior na restauração de um prédio tombado como esse é fazer todas essas instalações técnicas, mas

**A fachada do Palace; Adam Kurdhal no terraço, à beira da nova piscina; uma das suítes, modelo coner; e um dos 81 novos banheiros, o que não existia no projeto original do hotel**



sem você vê-las. [Mazzafera aponta para uma tubulação ao fundo do terraço: “Está vendo aqueles grandes sistemas lá atrás? Existia um poço ali, gigantesco, que era de serviço. Nós conseguimos passar por esse poço quase 100 dutos, de sucção da cozinha, ar-condicionado. A parte mais cara do Palace foi a estrutura, o reforço das fundações, para dar a um prédio de 100 anos todas as conveniências de hoje”.]

**Antonio Mazzafera aqui ao lado declarou à *Muito*, em 2015, que pretendia revitalizar o comércio, mas também fazer da Rua Chile uma área residencial. Essa intenção permanece?**

Com certeza. A ideia é essa, que a Rua Chile se transforme numa região mais usada e visitada por todos que moram em Salvador. O que aconteceu não só aqui, mas em outras cidades do mundo inteiro, é que as pessoas saíram dos centros, indo para bairros mais afastados e para os shoppings em vez da rua. O sonho é que o centro da cidade, que vai ter restaurante, lojas,

etc., possa ser vivido pelas pessoas. Em todo o mundo há esse movimento de as pessoas quererem voltar para os centros históricos. É o berço da cultura delas. Claro, é um projeto para turistas? Também. Mas os turistas sempre vão onde estão as pessoas da cidade.

**Isso Mazzafera também falou, em 2015, que espera que os baianos frequentem o hotel. De que forma, exatamente, vocês pretendem atrair esse público?**

Com esse lounge aqui onde estamos, a beira da piscina. Você vai poder vir aqui ver o pôr do sol, tomar um drinque, ver essa vista. Tem também o restaurante lá embaixo, que é muito perto da rua. No projeto, a gente fez o piso do restaurante com inspiração de art déco, mas também numa releitura das calçadas brasileiras em preto e branco. Parece um espaço público, você entra direto no restaurante, vindo da rua, com este piso em preto e branco. Fora que o lugar tem uma capacidade muito maior do que seria preciso se fosse apenas para atender os hóspedes.

Temos ainda um salão, fantástico, que já existia aqui [onde funcionava o antigo restaurante e o cassino], e que hoje pode ser alugado para casamentos, conferências, eventos.

**A Rua Chile, que já foi glamourosa, vive uma situação de abandono. Ano passado, a prefeitura de Salvador autorizou a derrubada de 31 imóveis na Ladeira da Montanha, região próxima. Como um projeto luxuoso como este vai driblar essa realidade?**

Eu acho a palavra “luxuosa” errada. Na verdade, eu nunca gosto de usar essa palavra, “luxo”, prefiro falar “de qualidade”. [Mazzafera intervém: “É um hotel sofisticado, mas acessível ao público”]. Tem hotel de luxo no Brasil, mas é diferente, o nível de preços é outro.

**Aqui também não é um hotel popular, certo?**

[Mazzafera responde: “Não. É um hotel bem acessível à classe média”].

**Mas como esse projeto sofisticado, então, vai dar**

### conta de driblar um contexto de dificuldades?

De várias maneiras. Por exemplo, muitas pessoas que trabalham na obra são dessa região. Depois, nós vamos ter 120 funcionários diretos e, preferencialmente, vai ser gente que também mora aqui. Isso vai trazer dinheiro, vai fazer girar a economia. Também não é só do hotel essa função de revitalizar a área. Há até um outro hotel que será inaugurado aqui [O Fasano, construído na antiga sede de A TARDE]. Acho todo esse movimento importante, o hotel, os outros projetos, o poder público. Que, juntos, podem mudar a cidade. Não para tirar as pessoas pobres, mas para dar oportunidades.

### Uma das principais críticas à intervenção pública na recuperação de centros históricos – o que inclui a reforma do Pelourinho nos anos 90 – é que os bairros passam por uma gentrificação e seus moradores são substituídos por turistas e gente de bairros nobres. Como esse projeto pretende incluir quem vive nessa região, muitos deles sem poder aquisitivo compatível com o que será oferecido aqui?

Não conheço tanto Pelourinho e sei que há muitas críticas a essa reforma. Mas nós não estamos tirando ninguém, ao contrário, estamos tentando dar possibilidades às pessoas de trabalhar, estamos tentando trazer dinheiro para a área. E trazer dinheiro não é prejudicar quem tem menos poder aquisitivo, é criar uma economia que possa, no futuro, até beneficiá-las. Quem tem a loja do outro lado da rua também vai ganhar com isso. As pessoas que moram aqui não vão usar só o hotel. Elas vão fazer compras, vão frequentar esse lugar. O mais importante é que as pessoas venham para cá para entender o valor do que vocês têm aqui no Centro Histórico de Salvador, que é uma coisa incrível. Essa é uma região tombada pela Unesco, é referência no mundo inteiro. E poucas pessoas que moram em Salvador buscam o centro.

### Por outro lado, mesmo revitalizando a Rua Chile, o Centro Histórico ainda vive uma situação de prédios abandonados, de tráfego e insegurança. Como garantir hóspedes nesse contexto?

A gente não pode garantir. Mas, no mundo inteiro, as cidades sempre mudam. Uma cidade é líquida. Você tem um investimento em uma área, ela vai mudar, vai ter menos crime, menos droga. [Mazzafera: “Você tem razão. É preciso haver uma parceria muito grande com o poder

«Sempre me perguntam: “Que estilo você faz?”. Não faço estilo, eu faço lifestyle. Para mim, é importante entender como as pessoas vivem »

público. Se não tiver segurança, é muito difícil atrair pessoas, visitantes ou moradores”].

### Para além do Centro Histórico, qual a sua avaliação da arquitetura contemporânea de Salvador?

Você tem alguns prédios com essa vista incrível, tem os modernistas, grandes obras de concreto, com balanços enormes, tem o trabalho de Lelé [o arquiteto João Filgueiras Lima, morto em 2014], que é fantástico. Tem o Teatro Castro Alves, outra construção fantástica. O que é interessante aqui é a mistura. Uma cidade não vive com um prédio ou dois prédios bonitos, mas com a mistura deles com as pessoas que habitam a cidade. Sempre me perguntam: “Que estilo você faz?”. Eu respondo: “Não faço estilo, eu faço lifestyle [estilo de vida]”. Para mim, é importante entender como as pessoas moram, como elas vivem. A cidade é isso. Ela se torna bonita quando convivem a natureza, as pessoas, a energia. Ao mesmo tempo, você tem na cidade essas construções históricas maravilhosas, como essa que estamos vendo aqui [aponta para o Forte de São Marcelo].

**O crítico de arquitetura Paul Goldberger disse que os arquitetos modernistas acreditavam fazer reengenharia social, o que poderia até soar arrogante, mas eles tinham a convicção dessa responsabili-**

### de. Para ele, hoje, muitos arquitetos carregam apenas uma missão estética. O que você acha?

Isso é verdade, totalmente. O problema é que todo mundo faz só prédio. O investidor faz um prédio, o outro faz outro prédio, o arquiteto faz um terceiro prédio, sem pensar na vida da cidade, na infraestrutura. As cidades são voltadas para o carro e nem assim elas funcionam. As pessoas nunca pensam os espaços públicos. Estética, claro, a fachada do prédio faz o interior da cidade, mas o que importa é a mistura das funções: o prédio residencial, os escritórios, os restaurantes, a cultura, os espaços públicos. O centro de Salvador tem espaços públicos muito bonitos, mas que não são muito usados. O modernismo era um movimento forte porque era para dar residências para muitas pessoas. Mas, olhando Brasília, como exemplo. Tem um lugar onde você mora, um lugar onde trabalha, outro onde come, outro onde ficam os hotéis. Você não tem uma mistura da cidade.

### Salvador: prédios nobres e favelas muito próximos. Como a arquitetura pode intervir nessa realidade?

Difícil resolver isso só com a arquitetura, mas acho que esse pensamento dos espaços públicos é importante em qualquer parte da cidade. Porque é nesses espaços que vamos encontrar as pessoas, educar as crianças, conviver. Mas você tem que considerar aí a economia, a educação, o trabalho.

### Em 2012, o seu projeto V-House recebeu o prêmio Houens, o mais prestigiado da Noruega. O Ministério da Cultura, que concedeu o prêmio, disse esse projeto traz novas perspectivas para o debate arquitetônico. Que perspectivas são essas?

Novas perspectivas de construção. Um prédio projetado quando a indústria norueguesa de construção de barcos estava muito em baixa. Nós aproveitamos a inteligência de uma indústria de fazer barcos para fazer prédios. A pesquisa foi essa: como incluir outras indústrias e outras economias na arquitetura.

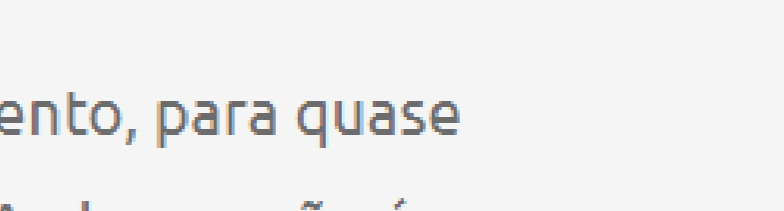
### Você pode nos contar sobre o seu trabalho de curadoria na Bienal de Arquitetura de Veneza?

Estivemos várias vezes na bienal. Na última, investimos numa pesquisa sobre como a arquitetura, com o modernismo, virou a mesma no mundo inteiro. Você não sabe se está no Brasil, na China, nos Estados Unidos ou na Europa. «

Muito

# "O mais importante nessa reforma é ser invisível"

Publicado segunda-feira, 06 de março de 2017 às 11:09 h | Atualizado em 06/03/2017, 12:54 | Autor: Carla Bittencourt



A- A+

Restaurar um prédio histórico requer artesanaria e um certo desprendimento, para quase trazer o tempo de volta, mas com uma infraestrutura contemporânea. A observação é do arquiteto norueguês Adam Kurdahl, que assina a reforma do Palace Hotel, reaberto oficialmente hoje com a bandeira da Fera Hotéis, depois de mais de dez anos desativado. Construído em 1934, o Palace é um ícone da Rua Chile, a primeira rua planejada do Brasil. O trabalho de Kurdahl foi minucioso e, embora a fachada não resplandeça o dourado do flyer do projeto, seus 3.500 m<sup>2</sup> foram recuperados, assim como os 205 adornos art déco, as 629 janelas de madeira, os 2.250 m<sup>2</sup> de taco original e os 550 m<sup>2</sup> de mármore. O lado invisível é a duplicação de 56 sapatas na fundação do prédio, com 50 toneladas de aço e reforço de 601 pilares. De novidade, a transformação dos quartos em 81 suítes, já que, nos anos 1930, os banheiros eram coletivos, havendo apenas dois por andar. Uma piscina de 25 metros, com borda infinita e vista para a Baía de Todos-os-Santos também não existia à época. Foi na beira dessa piscina, ainda sem água, que conversamos com o arquiteto em fevereiro, fase final da reforma. Kurdahl estava entusiasmado com a ideia de devolver aos baianos o lugar que já hospedou Pablo Neruda, Orson Welles e Carmem Miranda, embora saiba que o Palace terá o desafio de existir num Centro Histórico com sérias dificuldades. O hotel, aliás, é parte de um projeto maior de revitalização da área, mas o empresário Antonio Mazzafera, CEO da Fera Investimentos e que esteve presente durante a entrevista, manteve sigilo sobre isso. À **Muito**, Kurdahl falou sobre a reforma sobre arquitetura de “estilo de vida”.

## Quais as especificidades na restauração do Palace, uma das construções mais representativas do Centro Histórico de Salvador e que fica numa região tombada pelo Iphan e reconhecida pela Unesco como Patrimônio da Humanidade?

Salvador é o berço do Brasil. Foi aqui que o país nasceu, é a primeira capital, e a Rua Chile, onde estamos, a primeira rua planejada. O Palace foi construído num momento em que a Rua Chile era extremamente relevante para a cidade, havia muita atividade aqui, muitas lojas, restaurantes, bares, todo mundo vinha para a Rua Chile. Esse era um dos prédios mais importantes como expressão do art déco, inspirado no Flatiron Building [um dos primeiros arranha-céus construídos nos Estados Unidos, em 1902], feito com materiais todos importados de Paris. Quando nós trabalhamos com prédios históricos, a coisa mais importante que você faz é ser invisível, para descobrir o prédio, tentar não mudar nada e, ao mesmo tempo, fazê-lo tecnicamente um prédio contemporâneo, com todos os elementos técnicos que se espera de um prédio novo, mas sem mudar a arquitetura ou a cara do prédio. Na fachada, estamos restaurando todas as 629 janelas. O material é todo aprovado pelo Iphan, é um processo grande para fazer uma restauração dessa e transformar o hotel em um prédio contemporâneo.

## Como foi a sua pesquisa para a realização da obra? Você também considerou o Flatiron Building como uma inspiração para esse projeto?

Sim. A primeira coisa que nós fizemos foi uma pesquisa sobre a história da Bahia e sobre a história do art déco. Pesquisamos as cores da Bahia, a música, a comida, para misturar a história daqui com essa história do art déco. Foi uma experiência muito interessante como arquiteto porque tive a chance de trabalhar com ornamentos. O modernismo matou totalmente a possibilidade de os arquitetos lidarem com ornamentos. Então, o Palace me deu essa chance, de como usar ornamentos para fazer uma arquitetura tão rica.

## A reforma do Palace é parte de um projeto maior, o Bahia District, inspirado no bairro nova-iorquino Meatpacking District, onde só funcionavam frigoríficos e que virou ponto turístico. A Fera Empreendimentos adquiriu outros imóveis na Rua Chile e quer revitalizar o local com restaurantes, galerias de arte, prédios residenciais e um estacionamento. Você também assina esses projetos?

O mais importante aqui é dizer como o Palace pode ajudar numa mudança do centro. É um projeto para turistas, mas também para pessoas que moram em Salvador. O mais interessante é isso, que o hotel vai ser o catalisador para um movimento aqui na Rua Chile.

## Sempre me perguntam: “Que estilo você faz?”. Não faço estilo, eu faço lifestyle. Para mim, é importante entender como as pessoas vivem

### Mas você assina esses outros projetos?

[Antonio Mazzafera interrompe e responde: “Sim, alguns. Mas, por enquanto, a gente não está divulgando detalhes”.]

## As características originais do Palace tiveram obrigatoriamente que ser preservadas. No seu projeto, porém, você incluiu novidades, como essa piscina, de borda infinita. Que outros elementos, além deste, não fazem parte do hotel original?

Os banheiros. No projeto original, só havia dois por andar, um masculino e um feminino, de uso compartilhado. Nós construímos banheiros nos 81 quartos. Também temos três novas cozinhas. Agora, o que é novo e que você não vai ver são todas as instalações técnicas, as saídas de emergência, o elevador de serviço, o ar-condicionado, a eletricidade. O trabalho maior na restauração de um prédio tombado como esse é fazer todas essas instalações técnicas, mas sem você vê-las. [Mazzafera aponta para uma tubulação ao fundo do terraço: “Está vendo aqueles grandes sistemas lá atrás? Existia um poço ali, gigantesco, que era de serviço. Nós conseguimos passar por esse poço quase 100 dutos, de sucção da cozinha, ar-condicionado. A parte mais cara do Palace foi a estrutura, o reforço das fundações, para dar a um prédio de 100 anos todas as conveniências de hoje”.]

## Antonio Mazzafera aqui ao lado declarou à Muito, em 2015, que pretendia revitalizar o comércio, mas também fazer da Rua Chile uma área residencial. Essa intenção permanece?

Com certeza. A ideia é essa, que a Rua Chile se transforme numa região mais usada e visitada por todos que moram em Salvador. O que aconteceu não só aqui, mas em outras cidades do mundo inteiro, é que as pessoas saíram dos centros, indo para bairros mais modernos. O lado invisível é a duplicação de 56 sapatas na fundação do prédio, com 50 toneladas de aço e reforço de 601 pilares. De novidade, a transformação dos quartos em 81 suítes, já que, nos anos 1930, os banheiros eram coletivos, havendo apenas dois por andar. Uma piscina de 25 metros, com borda infinita e vista para a Baía de Todos-os-Santos também não existia à época. Foi na beira dessa piscina, ainda sem água, que conversamos com o arquiteto em fevereiro, fase final da reforma. Kurdahl estava entusiasmado com a ideia de devolver aos baianos o lugar que já hospedou Pablo Neruda, Orson Welles e Carmem Miranda, embora saiba que o Palace terá o desafio de existir num Centro Histórico com sérias dificuldades. O hotel, aliás, é parte de um projeto maior de revitalização da área, mas o empresário Antonio Mazzafera, CEO da Fera Investimentos e que esteve presente durante a entrevista, manteve sigilo sobre isso. À **Muito**, Kurdahl falou sobre a reforma sobre arquitetura de “estilo de vida”.

## Quais as especificidades na restauração do Palace, uma das construções mais

branco. Fora que o lugar tem uma capacidade muito maior do que seria preciso se fosse apenas para atender os hóspedes. Temos ainda um salão, fantástico, que já existia aqui [onde funcionava o antigo restaurante e o cassino], e que hoje pode ser alugado para casamentos, conferências, eventos.

## A Rua Chile, que já foi glamourosa, vive uma situação de abandono. Ano passado, a prefeitura de Salvador autorizou a derrubada de 31 imóveis na Ladeira da Montanha, região próxima. Como um projeto luxuoso como este vai driblar essa realidade?

Eu acho a palavra “luxuosa” errada. Na verdade, eu nunca gosto de usar essa palavra, “luxo”, preferir falar “de qualidade”. [Mazzafera interveém: “É um hotel sofisticado, mas acessível ao público”]. Tem hotel de luxo no Brasil, mas é diferente, o nível de preços é outro.

## Aqui também não é um hotel popular, certo?

[Mazzafera responde: “Não. É um hotel bem acessível à classe média”].

## Mas como esse projeto sofisticado, então, vai dar conta de driblar um contexto de dificuldades?

De várias maneiras. Por exemplo, muitas pessoas que trabalham na obra são dessa região. Depois, nós vamos ter 120 funcionários diretos e, preferencialmente, vai ser gente que também mora aqui. Isso vai trazer dinheiro, vai fazer girar a economia. Também não é só do hotel essa função de revitalizar a área. Há até um outro hotel que será inaugurado aqui [O Fasano, construído na antiga sede de A TARDE]. Acho todo esse movimento importante, o hotel, os outros projetos, o poder público. Que, juntos, podem mudar a cidade. Não para tirar as pessoas pobres, mas para dar oportunidades.

## Uma das principais críticas à intervenção pública na recuperação de centros históricos – o que inclui a reforma do Pelourinho nos anos 90 – é que os bairros passam por uma gentrificação e seus moradores são substituídos por turistas e gente de bairros nobres. Como esse projeto pretende incluir quem vive nessa região, muitos deles sem poder aquisitivo compatível com o que será oferecido aqui?

Não conheço tanto Pelourinho e sei que há muitas críticas a essa reforma. Mas nós não estamos tirando ninguém, ao contrário, estamos tentando dar possibilidades às pessoas de trabalhar, estamos tentando trazer dinheiro para a área. E trazer dinheiro não é prejudicar quem tem menos poder aquisitivo, é criar uma economia que possa, no futuro, até beneficiá-las. Quem tem a loja do outro lado da rua também vai ganhar com isso. As pessoas que moram aqui não vão usar só o hotel. Elas vão fazer compras, vão frequentar esse lugar. O mais importante é que as pessoas venham para cá para entender o valor do que vocês têm aqui no Centro Histórico de Salvador, que é uma coisa incrível. Essa é uma região tombada pela Unesco, é referência no mundo inteiro. E poucas pessoas que moram em Salvador buscam o centro.

## Por outro lado, mesmo revitalizando a Rua Chile, o Centro Histórico ainda vive uma situação de prédios abandonados, de tráfico e insegurança. Como garantir hóspedes nesse contexto?

A gente não pode garantir. Mas, no mundo inteiro, as cidades sempre mudam. Uma cidade é líquida. Você tem um investimento em uma área, ela vai mudar, vai ter menos crime, menos droga. [Mazzafera: “Você tem razão. É preciso haver uma parceria muito com o poder público”. Se não tiver segurança, é muito difícil atrair pessoas, visitantes ou moradores”].

## Para além do Centro Histórico, qual a sua avaliação da arquitetura contemporânea de Salvador?

Você tem alguns prédios com essa vista incrível, tem os modernistas, grandes obras de concreto, com balanços enormes, tem o trabalho de Lelé [o arquiteto João Filgueiras Lima, morto em 2014], que é fantástico. Tem o Teatro Castro Alves, outra construção fantástica. O que é interessante aqui é a mistura. Uma cidade não vive com um prédio ou dois prédios bonitos, mas com a mistura deles com as pessoas que habitam a cidade. Sempre me perguntam: “Que estilo você faz?”. Eu respondo: “Não faço estilo, eu faço lifestyle [estilo de vida]”. Para mim, é importante entender como as pessoas moram, como elas vivem. A cidade é isso. Ela se torna bonita quando convive a natureza, as pessoas, a energia. Ao mesmo tempo, você tem na cidade essas construções históricas maravilhosas, como essa que estamos vendo aqui [aponta para o Forte de São Marcelo].

## O crítico de arquitetura Paul Goldberger disse que os arquitetos modernistas acreditavam fazer reengenharia social, o que poderia até soar arrogante, mas eles tinham a convicção dessa responsabilidade. Para ele, hoje, muitos arquitetos carregam apenas uma missão estética. O que você acha?

Isso é verdade, totalmente. O problema é que todo mundo faz só prédio. O investidor faz um prédio, o outro faz um prédio, o arquiteto faz um terceiro e nem pensa na vida da cidade, na infraestrutura. As cidades são voltadas para o carro e, sem assim elas funcionam. As pessoas nunca pensam os espaços públicos. Estética, claro, a fachada do prédio faz o interior da cidade, mas o que importa é a mistura das funções: o prédio residencial, os escritórios, os restaurantes, a cultura, os espaços públicos. O centro de Salvador tem espaços públicos muito bonitos, mas que não são muito usados. O modernismo era um movimento forte porque era para dar residências para muitas pessoas. Mas, olhando Brasília, como exemplo. Tem um lugar onde você mora, um lugar onde trabalha, outro onde come, outro onde ficam os hotéis. Você não tem uma mistura da cidade.

## Salvador: prédios nobres e favelas muito próximos. Como a arquitetura pode intervir nessa realidade?

Difícil resolver isso só com a arquitetura, mas acho que esse pensamento dos espaços públicos é importante em qualquer parte da cidade. Porque em nesses espaços que vamos encontrar as pessoas, educar as crianças, conviver. Mas você tem que considerar aí a economia, a educação, o trabalho.

## Em 2012, o seu projeto V-House recebeu o prêmio Houens, o mais prestigiado da Noruega. O Ministério da Cultura e que concedeu o prêmio, disse esse projeto traz novas perspectivas para o debate arquitetônico. Que perspectivas são essas?

Novas perspectivas de construção. Um prédio projetado quando a indústria norueguesa de construção de barcos estava muito em baixa. Nós aproveitamos a inteligência de uma indústria de fazer barcos para fazer prédios. A pesquisa foi essa: como incluir outras indústrias e outras economias na arquitetura.

## Você pode nos contar sobre o seu trabalho de curadoria na Bienal de Arquitetura de Veneza?

Estivemos várias vezes na bienal. Na última, investimos numa pesquisa sobre como a arquitetura, com o modernismo, virou a mesma no mundo inteiro. Você não sabe se está no Brasil, na China, nos Estados Unidos ou na Europa.